

**PANORAMA DOS PRINCIPAIS ESTUDOS E REGISTROS DA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS**

**AN OVERVIEW OF THE MAIN FORMATIONAL STRUCTURES OF
BRAZILIAN SIGN LANGUAGE**

Fábio Vieira de Souza Junior

UFMT

Nilce Maria da Silva

Unemat

Resumo: Nas últimas décadas, os registros dos sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) têm se ampliado consideravelmente. Paralelamente a isso, a lexicografia também avança no que diz respeito aos parâmetros, especialmente desta língua de modalidade visoespacial, tanto na organização quanto na produção de dicionários e glossários. Este trabalho tem por objetivo apresentar as principais obras lexicográficas das Libras, selecionando as disponibilizadas físico e virtualmente. Em seguida, fizemos uma breve descrição das características das obras. A compilação indica progressivo aumento no número de publicação, bem como a utilização da tecnologia virtual para disponibilização na busca e na visualização dos sinais.

Palavras-chaves: Registro; Sinais; Libras

Abstract: In the last decades signs from Brazilian Sign language have been increasingly registered. Parallel to this, lexicography also advances with regard to the parameters, especially of this visuospatial language, both in the organization and in the production of dictionaries and glossaries. This paper aims to present the main lexicographic works of Libras, selecting those available physically and virtually. Then, we made a brief description of the characteristics of the works. The compilation indicates a progressive increase in the number of publications, as well as the use of virtual technology for search and visualization of signs.

Key-words: Record; Signs; Libras

Recebido em 24 de maio de 2023.

Aprovado em 20 de dezembro de 2023.

Introdução

Desde a antiguidade, há registros de surdos que utilizavam as línguas de modalidade visual-espacial. Os primeiros registros foram feitos ainda no Egito Antigo e na Pérsia, em meados de 4.000 a.C, onde muitos surdos eram considerados seres especiais: “os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, porque acreditavam que eles comunicavam em segredo com os deuses” (STROBEL, 2009, p. 18). Assim, acreditava-se que eram mediadores diretos entre o povo e as entidades sagradas.

Para outros povos, a história não seguiu da mesma forma. Aproximadamente entre 480 – 425 a.C, Gregos e romanos consideravam os surdos sem pensamento, incapazes de ter um raciocínio ou até mesmo sem a presença de espírito em seu corpo, pois não ter uma língua oral era sinônimo de exclusão ou maldição. Strobel (2009, p. 18) ainda cita o discurso de Heródoto, que diz: “os surdos são seres castigados pelos deuses”.

Durante a Idade Média, a história é repleta de atrocidades: os que eram privados do sentido da audição não possuíam direitos de cidadãos, não eram reconhecidos pela sociedade. As pessoas consideradas não ouvintes eram marginalizadas do convívio social, pois os majoritários “não davam tratamento digno aos surdos, colocavam-nos em imensa fogueira” (STROBEL 2009, p. 19). Os surdos menos abastados eram privados não apenas da educação formal, mas também da possibilidade comunicativa entre as pessoas semelhantes.

Acredita-se que, como não havia o registro das línguas de sinais, muitos detalhes sobre elas foram ignorados e perdidos no tempo. Como exemplo, Strobel menciona as estratégias de ensino do primeiro educador de surdos, monge Pedro Ponce de Leon (1510-1584), que “usava como metodologia a dactilologia, escrita e oralização” (STROBEL, 2009, p. 20). Essas metodologias eram guardadas em segredo e, por fazer o seu trabalho sozinho, a plenitude do seu trabalho não foi deixada como legado. Ivan Martim Pablo Bonet seguiu as ideias de Léon, mas, devido ao não compartilhamento de seus métodos, usou como estratégia para resgatar as suas práticas os testemunhos das pessoas que participaram dos métodos de Léon.

Streichen (2013), embasada em autores como Goldfeld (2002), Moura (2000), Sacks (1989), dentre outros, cita que Bonet foi o responsável por publicar o primeiro livro sobre educação de surdos, cujo conteúdo consiste no aprendizado do alfabeto manual e na importância da intervenção precoce. Sobre isto, Silva (2012, p. 32), declara:

A obra de Bonet (1620) é a primeira que publica o alfabeto manual, o que a torna importante para a história da educação de surdos e para a constituição do alfabeto datilológico de várias línguas de sinais, inclusive da Língua Brasileira de Sinais.

A partir desse registro, é possível fazer uma análise das primeiras criações e ilustrações para representar as formas das mãos do alfabeto datilológico presente nas línguas de sinais. Assim, criou-se e perpetuou-se um primeiro modelo característico inerente a essa modalidade. Da mesma forma, essa publicação marca uma mudança na

visão a respeito do sujeito surdo, deixando o legado de uma conquista que faz parte do estudo diacrônico da língua e marcando a linha histórica da educação do povo surdo e das línguas de sinais. Neste sentido, afirma Strobel (2008, p. 17):

A humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimentos através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamentos dentre outras manifestações. Partindo do suposto que cultura é a herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la.

Em 1760, o Instituto Nacional de Surdos e Mudos de Paris¹, fundado por L'Abbé de L'Epée, na França, passou a se preocupar com a transmissão do capital cultural e do conhecimento legitimado pela língua de sinais da comunidade surda local, ensinando os surdos a ler e a escrever em língua francesa. L'Epée, contrário a vários métodos oralistas da época, focou no ensino por meio da língua de sinais. Streichen (2013, p. 20) salienta que ele “defendeu a língua de sinais como sendo a língua natural e materna dos surdos”. Dessa forma, os surdos de famílias abastadas, considerados instruídos, ou seja, os que dominavam a língua na modalidade escrita poderiam ter seus direitos assegurados, incluindo a herança da família. Strobel (2009, p. 22) afirma que os métodos de L'Epée eram intitulados como “Sinais metódicos”, pois mesclavam língua de sinais e gramática francesa. Houve uma série de críticas por educadores do método oralista, pois, segundo os estudiosos desse método, o uso de gestos no ensino não era adequado para a inserção social dos surdos.

Durante esse mesmo período, outra metodologia é fortemente defendida na Alemanha, o método oralista. Essa abordagem tem como expoente Samuel Heinicke, considerado “pai do método oralista”, forma de ensino que utiliza apenas as práticas fonoarticulatórias para a produção da fala. Assim, Heinicke, em 1778, fundou a escola com o método oralista puro, pois acreditava que essa metodologia era a mais adequada à educação de surdos, possibilitando a sua integração na sociedade (NUNES DE SOUZA, 2014, p. 1018).

Silva (2012, p. 32-33) chama-nos a atenção para outra metodologia, num período denominado como “período institucional”, pois, de acordo com a autora, as instruções são transmitidas de forma coletiva, e não mais individual. Esta pedagogia coletiva ocorre concomitantemente com a preceptorias.

¹ Atualmente chamado de Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris.

Em 1880, os membros ouvintes², durante o Congresso de Milão, votaram pela erradicação da instrução por meio das línguas de sinais. Por consequência, a educação de surdos sofreu os 100 anos seguintes com o insucesso do ensino escolar. Esse período é denominado como “Isolamento Cultural” devido à proibição do acesso às línguas de sinais. No entanto, os surdos resistiram à imposição da língua oral, comunicando-se, quando não monitorados, pelas línguas de sinais (STROBEL, 2009).

O método oralista não garante a comunicação plena do sujeito surdo, pois não permite ao surdo comunicar-se por meio de sinalizações. O uso apenas do aparelho fonador empobrece a linguagem e enfraquece a comunicação do sujeito que tem na modalidade visoespacial a forma adequada e a garantia da interação entre os sujeitos por meio das experiências visuais.

Como consequência do método oralista, as línguas orais oficiais dos países, na modalidade escrita, também deixaram de ser aprendidas por surdos, prejudicando-os e gerando um abismo entre o conhecimento social e a comunidade surda.

Após quase um século de proibição das línguas de sinais, Stokoe (1960), ao analisar a conversa entre surdos, percebeu que ela era complexa, que possuía um sistema linguístico possibilitando a expressão de conceitos abstratos e que suas regras não eram aleatórias na construção linguística. Ademais, ele percebeu que os sinais eram convencionados pelos usuários daquela língua. Sua obra, intitulada *Sign Language Structure*, publicada em 1960, dá visibilidade às línguas de sinais, que passam a ser estudadas por linguistas do mundo todo. Suas publicações foram cruciais para o estudo das línguas visual-espaciais. Reforça Frydrych (2013, p. 26), ao mencionar três importantes mudanças acarretadas pela publicação de Stokoe:

[...] 1) despertou a aceitação das línguas de sinais como “linguística”, 2) apresentou uma nova perspectiva sobre a linguagem humana, e 3) trouxe novas perspectiva para o campo de estudos das origens da linguagem.

A partir dos trabalhos de Stokoe (1960), novos estudos retomam a língua de sinais, enaltecendo e, principalmente, redescobrimo-a em conceito e estatuto outorgado por meio de pesquisas e oficializações. Segundo Skliar (2016, p 24):

² Termo utilizado para referenciar a indivíduos que utilizam línguas de modalidade oral-auditiva.

A partir das investigações de Stokoe (1960) e de Bellugi e Klima (1977) criaram-se as bases para um estudo científico desse sistema linguístico das línguas de sinais como línguas naturais e como sistemas a serem diferenciados das línguas orais: o uso do espaço com valor sintático e simultaneidade dos aspectos gramaticais são algumas das restrições levantadas pela modalidade visuoespacial que determinam sua diferença estrutural e funcional em relação às línguas auditivo-orais.

As línguas de sinais, que antes eram invisibilizadas, passam a ser vistas e, paulatinamente, oficializadas por vários países no mundo todo.

1. Aspectos sociopolíticos da LIBRAS

Após anos de silenciamento da comunidade surda, alguns movimentos começam a despontar no Brasil a favor da língua de sinais do Brasil. A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, juntamente com a comunidade surda, lutou para assegurar o direito dos surdos no âmbito nacional. Inicialmente, foi promulgada a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que trata da promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência. Dentre estas normas, a Libras é estabelecida como forma de comunicação e interação dos sinalizantes. Também é situada como medida a formação de profissionais intérprete de Libras. Posteriormente, a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), oficializou a Libras como segunda língua no território brasileiro. No tocante ao seu *status*, a legislação define que:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

A partir dessa lei, o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, visa regulamentá-la, estabelecendo a Libras como disciplina curricular para a formação de professores nos cursos de licenciaturas. Além dessas prerrogativas, preconiza, ainda, a formação do professor de Libras por meio do curso de graduação de licenciatura plena em Letras Libras.

Quadros e Stumpf (2014), ao discorrerem sobre o histórico da criação do primeiro curso de Letras Libras, afirmam que seu objetivo era atender a legislação. Dessa forma, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) cria o curso de Letras Libras na modalidade a distância em 2006, ofertando a formação em nove polos espalhados pelo Brasil, na qual “a primeira turma do Letras Libras foi de Licenciatura e

contou quase que exclusivamente com alunos surdos (em torno de 90% dos alunos)” (QUADROS; STUMPF, 2014, p. 10-11). Ainda a respeito da formação dos profissionais da Libras, devemos mencionar que o Decreto estabelece a formação do Tradutor e Intérprete de Libras por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa. Em atendimento ao Decreto, foi criado o curso de Letras Libras, Bacharelado na UFSC em 2008 (QUADROS, 2013).

2. Contextualização dos principais estudos lexicográficos da LIBRAS

Sabe-se que as línguas de modalidades visual-gestual brasileira e americana têm influência da antiga Língua de Sinal Francesa – LSF. Como citado anteriormente, um dos notórios ícones da LSF foi o Abade Charles Michel L’Épée, responsável por um dos primeiros registros de línguas de sinais. De acordo com Goés e Campos (2014, p. 68), “L’Épée foi um educador filantrópico e francês do século XVIII” que atuou em prol da comunidade surda e aprendeu a língua de sinais:

A partir dessa língua, criou os “sinais metódicos”, que eram a junção da língua de sinais usada pelos surdos com alguns sinais criados por ele para facilitar, em sua opinião, o ensino do francês escrito aos surdos. Assim, foi o primeiro a respeitar em alguma medida a língua usada por uma comunidade surda e a tentar usá-la nas práticas educacionais.

No século XIX, Thomas Hopkins Gallaudet entra em contato com o método desenvolvido por L’Épée por meio de seu aluno Laurent Clerc. Satisfeito com a abordagem, “levou um professor surdo francês para os Estados Unidos e começou, assim, um trabalho educacional considerando a língua de sinais” (GOÉS; CAMPOS, 2014, p. 69). Dessa forma, é possível ilustrar a relação entre a Língua Americana de Sinais – ASL e a LSF.

Com a Libras, fenômeno semelhante aconteceu. Outro educador de mesma nacionalidade de L’Épée trouxe para o Brasil os registros da LSF e os métodos empregados na Europa.

Em 1855, o educador francês Edward Huet³, a convite de Dom Pedro II, é chamado para difundir seus métodos de ensino no Brasil. Campello (2011) menciona detalhes de generosos benefícios concedidos a Huet, como honorarias, salários e

³ Há divergência entre autores quanto ao nome do educador francês que veio ao Brasil a pedido de Dom Pedro II. Nas referências, o nome aparece com três possibilidades: Edward Huet, Hernest Huet e Ernest Huet. Neste trabalho, optei por adotar o nome Edward Huet, conforme apresentado por Campello (2011).

hospedagem para a criação de um espaço educacional destinado à educação dos surdos. Essa fundação marca a primeira oportunidade de educação formal de surdos no Brasil. A metodologia por ele aplicada logrou grande êxito na instrução dos alunos, que residiam no educandário. Segundo Leite e Quadros (2014, p. 20):

Dom Pedro II, então imperador, propôs a criação do Instituto após conhecer o professor surdo francês, Edward Huet, que, formado na corrente educacional criada por Abade L'Épée na França, utilizava a língua de sinais falada por seus próprios alunos franceses como base para a sua instrução formal.

A primeira grande obra com registros da língua de sinais ensinada no Brasil Imperial foi publicada em 1875. Esse registro foi escrito por Flausino José da Gama e é intitulado *Iconographia dos signaes dos surdos mudos* (CAMPELLO, 2011). A autora evidencia o curioso fato de a publicação ser inspirada na obra *Iconographie des signes* da LSF, sendo traduzidas palavras e anotações para a Língua Portuguesa e utilizado métodos semelhantes na organização do conteúdo.

Este período que compreende entre 1780 a 1875 foi, segundo Silva (2012, p. 38), um período de efervescência de grandes produções, “abordando temáticas relativas à língua de sinais, à educação de surdos e dicionários dessa língua”. A autora sintetiza as produções ocorridas neste período, as quais apresentamos no Quadro 01, a seguir:

Quadro 01 - Relação de obras de cunho dicionarístico da LSF

Ano	Autor	Obra
1780	Abade Ferrard	<i>Dictionnaire des sourd-muets</i>
1786	Abade l'Épée	<i>Collection ancienne et moderne d'otologie du Dr J. – A. – A. Rattel, Volume IX, Dictionnaire des Sourds-Muets</i>
1808	Abade Sicard	<i>Théorie des Signes ou Introduction à l'étude des langues où le sens des mots au lieu d'être défini est mis en action</i>
1817-1825	Roch-Ambroise A Bébien	<i>Mimographie ou Essai d'Écriture mimique propre à régulariser le langage des sourds-muets</i>
1822-1860	Abade Jamet	<i>Dictionnaire</i>
1827	Degérando J M	<i>De l'éducation des sourds-muets de naissance</i>
1850	Alexandre Blanchet	<i>La Surdi-Mutité, Traité philosophique et médical suivi d'un petit dictionnaire usuel de mimique et de dactylogie à l'usage des médecins et des gens du monde</i>
1853-1854	Frères de Saint-Gabriel	<i>Iconographie des signes</i>
1855	Joséphine Brouland	<i>Spécimen d'un dictionnaire des signes</i>
1856	Pierre Péliissier	<i>Iconographie des Signes faisant partie de l'enseignement des sourds-muets</i>
1859-1865	Abade Lambert	<i>Le Langage de la Physionomie et du geste mis à la portée de tous</i>
1868	Abade Laveau	<i>Catéchisme des sourds-muets illettrés que l'on ne peut pas instruire au moyen de l'écriture</i>
1875	Clamaron	<i>Alphabet dactylogique</i>

Fonte: Bornnal-Verges (2006) apud Silva (2012, p. 39).

Conforme descrito anteriormente, o II Congresso de Milão, ocorrido em 1880, impactou diretamente na educação de surdos. No Brasil, a retomada da publicação é feita por um padre surdo norte-americano, Eugenio Oates, na década de 1960, que desenvolveu um trabalho de catalogação de sinais, sendo intitulada como *Linguagem das mãos*. Esta obra continha 1.258 sinais fotografados (GOÉS; CAMPOS, 2014, p. 70).

Desta forma, temos, tanto nos centros urbanos do Brasil, quanto nos Estados Unidos a influência LFS. Goés e Campos (2014, p. 70) afirma que:

A LIBRAS e a ASL têm como influência comum a LSF, pois a escolarização formal das pessoas surdas brasileiras e americanas foi fortemente influenciada pelos primeiros educadores surdos que vieram da França para a constituição das primeiras escolas para surdos nos dois países. Cabe lembrar aqui que a Libras e a ASL foram influenciadas pela LFS, mas com o tempo, cada língua foi se transformando de acordo com a cultura de seu país. Assim, a organização da educação de surdos no Brasil está intimamente ligada ao reconhecimento da língua de sinais como possibilidade de instrução para pessoas surdas.

Esse contexto histórico nos possibilita a resposta de uma das questões dos comparativos entre línguas apresentadas por Moravcsik (2013, p. 2):

The fact that languages are both different and similar is a puzzle. Two questions arise: (a) How are languages different from each other and how are they similar? (b) What is the reason for their differences and for their similarities?⁴

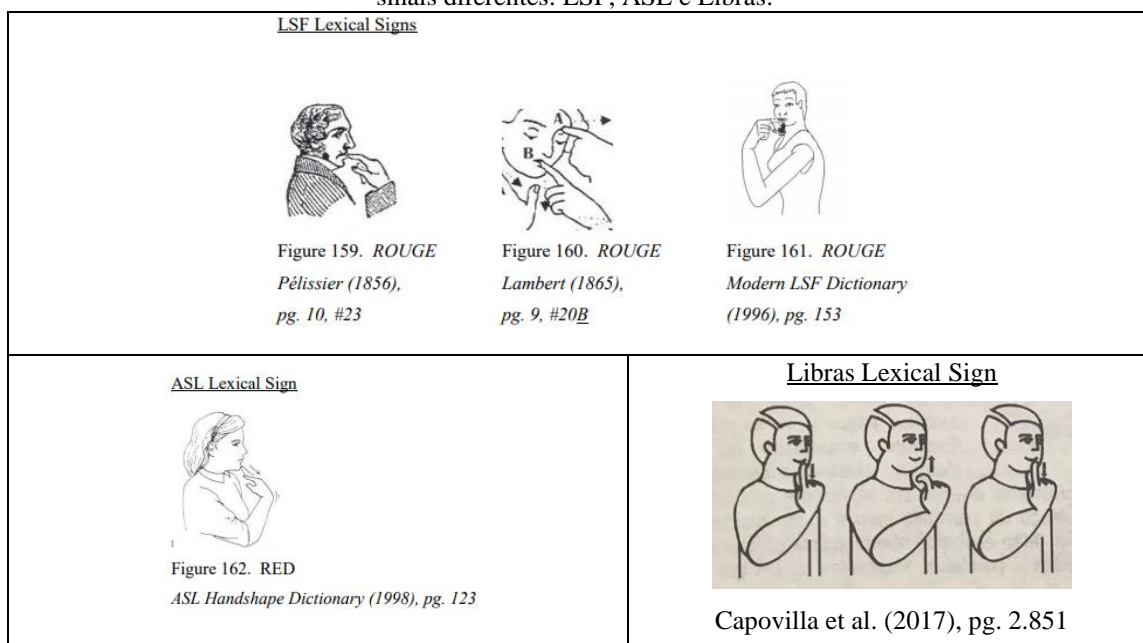
As línguas, em um fluxo contínuo, sofrem mudanças, considerando o contexto sócio histórico, cultural e o contato entre elas, sejam orais ou de sinais. Assim “todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação” (BAKHTIN, 2014, p. 45).

A partir da relação histórica apresentada entre LSF, ASL e Libras; e com base no trabalho de Cagles (2010), optamos, inicialmente, por apresentar os registros nessas três línguas de modalidade visoespacial datados em diferentes períodos. Em um primeiro momento, é apresentado o sinal de VERMELHO/ROUGE/RED nas obras de Pelisser (1856), Lambert (1865), Modern LSF Dictionary (1996) e ASL Handshape

⁴ Tradução livre: “O fato de que ambas as línguas são diferentes e similares é um enigma. Duas questões surgem: (a) Como são diferentes uma da outra e como são similares? (b) Qual a razão para suas diferenças e para suas similaridades?”

Dictionary (1988). Com o objetivo de ampliarmos para o contexto brasileiro, acrescentamos a representação deste mesmo sinal em Capovilla et al (2017). Portanto, considera-se o fator incidente na Libras, que é a herança das características da Língua Francesa de Sinais. Dessa forma, a LSF é vista como “mãe” das línguas de sinais da ASL e Libras, pois possuem uma forte influência devido a fatos históricos. É o que podemos inferir a partir dos trabalhos de Cagle (2010) e a afirmação de Ferreira (2012), comparado por aquele autor, conforme o exemplo ilustrado a partir do sinal VERMELHO:

Figura 01 - Quadro comparativo do sinal VERMELHO utilizado em três línguas de sinais diferentes: LSF, ASL e Libras.



Fonte: Quadro adaptado a partir de Cagle (2010).

Cagle (2010, p. 142-143) descreve e compara os sinais a partir de dicionários de diferentes épocas da LSF. Em seguida, coteja com outro registro dicionarizado da ASL; a essa fase, infere-se a existência da mesma influência, segundo o mesmo autor:

A CSL, a LSF antiga, a LSF moderna e os sinais da ASL moderna todos usam a mesma locação, configuração de mão e orientação. As locações são nos lábios. Suas configurações de mãos são um 1 (dedo indicador) com a orientação da palma virada para os sinalizantes. A CSL e LSF antiga, sinais do Pélissier não tem movimento, enquanto a LSF antiga de Lambert, a LSF moderna e a ASL moderna têm o movimento de puxar as mãos deslizando para baixo.

Contato: Esta é a uma forte evidência de que os sinais lexicais da LSF podem ter sido emprestados do CSL. A ASL pode claramente ter emprestado os sinais da LSF antiga.

Iconicidade: a iconicidade é provável para estes signos lexicais, porque se referem à cor do cabelo.

Inicialização: a tradução em inglês do rouge é “vermelho”. A forma de mão dominante nesses signos lexicais é um 1 (dedo indicador), não um R: portanto, não há evidência de inicialização da palavras francesas no sinal da LSF.⁵

No que concerne à semelhança nos exemplos acima, notamos que há uma relação entre as características da LSF em diferentes períodos e que influenciou diretamente a ASL. A partir desta análise, e também pelo fato do pioneirismo de professores surdos franceses na difusão da LSF nos Estados Unidos da América e no Brasil, ponderamos que esta descrição, por conseguinte, abarca também a constituição do sinal VERMELHO na Libras.

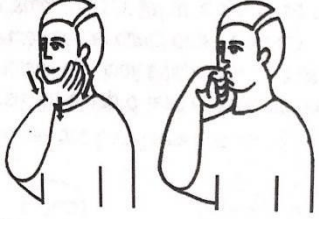
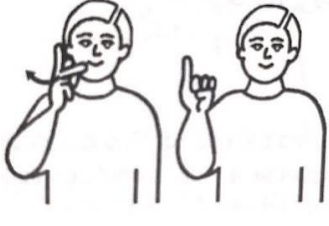
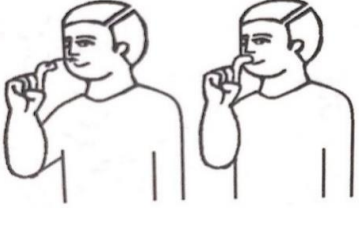
No Brasil, podemos falar das diversas construções dos sinais e da organização em diferentes dicionários, marcadas, principalmente, pela dimensão regional e riqueza linguística. O sinalizante da Libras, a partir das experiências comunicativas em outras regiões, torna-se consciente das variantes diatópicas. De acordo com Gesser (2009, p. 40-41):

A língua de sinais, ao passar, literalmente, “de mão em mão”, adquire novos “sotaque”, empresta e incorpora novos, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens. O fenômeno da variação e da diversidade está presente em todas as línguas vivas, em movimento.

Para melhor ilustrarmos a variação linguística na Libras, vejamos abaixo a diferença do sinal “PAI” em três variantes (diatópicas) diferentes:

⁵ No original: “The CSL, Old LSF, modern LSF and modern ASL signs all use the same parameters of location, handshape and orientation. Locations are on the lips. Their handshapes are a 1 (index finger) with the palm orientations facing toward the signers. The CSL and Old LSF Pélissier’s signs do not have moment, while the Old LSF Lambert’s, modern LSF and modern ASL signs have the same movement of pulling the hands away and slightly downward. **Contact:** This is strong evidence that the LSF lexical signs might have borrowed from the CSL lexical sign. The ASL clearly might have borrowed from the Old LSF signs. **Iconicity:** The iconicity is probable for these lexical signs, because they refer to the color of the lip. **Initialization:** The English translation of rouge is “red.” The dominant handshape in these lexical signs is a 1 (index finger), not an R; therefore, there is no evidence of initialization from the French word in the LSF sign.”

Figura 02. Quadro comparativo do sinal de PAI utilizado em diferentes regiões do Brasil

 <p>(1)</p>	 <p>(2)</p>	 <p>(3)</p>
<p>Sinal usado em: SP, RJ, MS, MG, DF, PR, CE, BA.</p>	<p>Sinal usado em: DF, CE, SP, SC.</p>	<p>Sinal usado em: SP, RS.</p>

Fonte: Retirado e adaptado de Capovilla et al. (2017).

Nesses sinais é possível percebermos que o sinal de PAI (1) é mais recorrente o uso em diversas regiões do Brasil. Os outros sinais PAI (2) e PAI (3) são menos recorrentes, sendo este último registrado em apenas dois Estados. Ressaltamos que a variante que aparenta ser mais utilizada pela comunidade surda em Cuiabá - MT é o sinal PAI (1)⁶.

Há também estudos sobre línguas indígenas de sinais, entre os quais se destaca a obra *Índios Surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul*, da autora Shirley Vilhalva (2012). Os primeiros estudos sobre língua de sinais de povos indígenas relacionam-se à autora Ferreira-Brito (1995) referente à comunidade indígena Urubu-Kaapor⁷. Outra língua indígena em estudo é a da comunidade Paiter Suruí⁸, cujos sinais são investigados e registrados pela autora Gregianini (2017). Por último, destaco o trabalho de Pereira (2013) que analisa o uso de uma linguagem gesto-visual, conhecida como cena, na comunidade Várzea Queimada no estado do Piauí.

Figura 03. Sinal de PAI utilizado na língua de sinais Cena



Fonte: Retirado de Pereira (2013).

⁶ Falta ainda registrar o sinal de maior ocorrência, mesmo que pareça ser este sinal.

⁷ Língua de sinais utilizada pela comunidade surda indígena na Amazônia (FERREIRA-BRITO, 1995).

⁸ Língua de sinais utilizada pela comunidade surda indígena em Cacoal – Rondônia. (GREGIANINI, 2017).

3. Fontes bibliográficas e de referência da Língua Brasileira de Sinais

Inicialmente, realizamos um levantamento bibliográficos das obras lexicográficas disponíveis físico e eletronicamente a partir da publicação, em 1873, do primeiro glossário de Libras elaborado por Flausino José da Gama. Porém, conforme dito anteriormente, há que considerar o impacto do período de ostensiva proibição da língua de sinais (políticas oralistas) nas produções lexicográficas dessa língua.

A retomada de novos trabalhos dessa natureza ocorreu somente a partir de 1969 com a publicação do Padre Eugênio Oates. Em 1981, os primeiros estudos de tipo gramatical da Libras foram registrados por Gladis Knak Rehfeldt em “A língua de sinais do Brasil” (QUADROS, 1999). Lucinda Ferreira-Brito é uma das primeiras pesquisadoras brasileiras das questões linguísticas da Libras. Seus estudos têm base na ASL. A autora traça um panorama geral da Libras na obra *Por uma gramática de língua de sinais* (1995). Outro destaque, não menos importante, são as autoras Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp (2004), cujas reflexões em *Língua de Sinais Brasileira* imprimem “a sua pesquisa, marcas peculiares no próprio fazer linguístico, na consideração de *língua*, seus caracteres, sua organização e funcionamento” (FRYDRYCH, 2013, p. 12).

Com o objetivo de apresentar algumas das principais produções de dicionários e glossários da Libras, produzidas entre a década de 1960 até 2023, apresentamos a seguir um quadro desta seleção de obras. Para esta seleção, as obras tiveram os seguintes critérios: (i) conteúdo: apresentar sinais da Libras registrado em sua formulação: imagem, foto ou vídeo; (ii) circulação: utilizados pela comunidade surda em geral; (iii) disponibilização: em meio impresso ou em domínios virtuais; (iv) tradução: podendo ser intralingual e interlingual⁹.

Quadro 02 - Relação de obras de cunho dicionarístico da Libras

Ano	Autor(a)/Coordenador(a)	Obra	Local/Instituições
1969	Pe. Eugênio Oates	<i>Linguagem das mãos</i>	Aparecida, SP: Editora Santuário, 1990.
2000	BRASIL	<i>Dicionário da Língua Brasileira de Sinais</i>	Brasil
2005 2006 2009	Fernando César Capovilla; Waliria Duarte Raphael	<i>Enciclopédia de Língua de Sinais Brasileira</i>	São Paulo: Edusp

⁹ Jakobson (1969, p. 65) define e classifica a tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* como: “interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua”.

2011			
2006	Thomas Lydell	<i>Spread the sign</i>	Suécia: Associação Centro Europeu de Língua de Sinais
2008	Catarina Kiguti Kojima; Sueli Ramalho Segala,	<i>Libras – Língua Brasileira de Sinais – A imagem do Pensamento</i>	Editora Escala
2008	Marianne Stumpf; ¹⁰ Janine Soares de Oliveira	<i>Glossário Libras</i>	Santa Catarina: UFSC
2008	Ronice Müller de Quadros; Aline Lemos Pizzio; Aline Nunes de Souza; Carina Rebello Cruz; Janine Soares de Oliveira	<i>Identificador de Sinais – ID</i>	Santa Catarina: UFSC
2009	Márcia Honora; Mary Lopes	<i>Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Descrevendo a comunicação usada pelas pessoas como surdez</i>	São Paulo: Ciranda Cultural
2010	Esteves Frizanco		
2011			
2009	Éden Veloso; Valdeci Maia Filho	<i>Aprenda Libras com eficiência e rapidez</i>	Curitiba: Mãos Sinais
2011	Flavia Brandão	<i>Dicionário ilustrado de LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais</i>	São Paulo: Global Editora
2016	Melquisedeque Oliveira Silva Almeida	<i>Ferramenta didática e lúdica para intensificar o aprendizado da: Língua Brasileira de Sinais.</i>	Bahian: Editus
2017	CAPOVILLA et al.,	<i>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas mãos</i>	São Paulo: EdUSP
2020	Marianne Rossi Stumpf; Aline Lemos Pizzio; Jefferson Osiel Lucinda; Ronice Müller de Quadros; Onno Crasborn	<i>Libras SignBank</i>	Santa Catarina: UFSC

Fonte: Elaborado pelos autores

Nos últimos 60 anos, a Libras tem contado com a publicação de diversos dicionários. Neste cenário podemos citar algumas publicações do tipo dicionário, enciclopédia, livros ilustrados com tradução, glossários, entre outros, com a função de compilar, registrar e documentar os sinais em Libras.

Após o exercício da delimitação do corpus, metodologicamente descrevemos de forma geral das obras selecionadas, apresentando o título, autor, editora, instituição, outros detalhes relevantes. Não obstante, compreendemos que o fator tempo está em jogo também, porquanto falamos de diferentes décadas para tais publicações, inclusive as inovações tecnológicas de registros:

- *Linguagem das mãos* (OATES; 1969) – Editora Santuário (Igreja Católica) - Pe. Eugênio Oates, missionário redentorista, apresenta um glossário impresso, bilingue

¹⁰ Conforme consta no no site <https://glossario.libras.ufsc.br/equipe>, acessado no dia 12 de fev de 2023, nesta pesquisa destacamos o nome das coordenadoras responsáveis registrado pelo grupo de pesquisa: Marianne Stumpf e Janine Soares de Oliveira. Outros membros da equipe atual: Ramon Dutra Miranda (programador responsável); e Bryan Lima (programador). Nesse mesmo domínio é possível obter maiores informações, incluindo os membros da equipe anterior.

(Libras/Português) ilustrado com fotos de sinais da Libras. Abaixo das ilustrações são apresentadas as traduções, bem como possíveis sinônimos correspondente no português. Em seu registro lexicográfico o autor registra cerca de 1300 sinais e expressões na “linguagem gestual” com suas respectivas descrições escrita de como realiza-los. Quando os sinais possuem movimento, as fotos $\frac{3}{4}$ dos sinais/entradas apresentam setas e outros elementos gráficos para melhor descrevê-los.

- *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais* (BRASIL, 2000) – Está disponível no site <<http://www.acessobrasil.org.br/libras>>, contém sinais em vídeos com as palavras equivalentes em português, também os apresenta com os possíveis usos e suas respectivas acepções para que se possa apreender os sinais em contexto. Quando da organização dos verbetes, a equipe de surdos, enquanto pesquisadores informantes, criou frases em Libras para a exemplificação dos sinais em contexto. O objetivo de colocar exemplos foi também mostrar a estrutura morfossintática dos sinais, que podem ser modificados em um de seus parâmetros de configuração com a introdução de marcadores de concordância verbal, por exemplo. A exemplificação também pode dar uma pista sobre a utilização dos sinais em contextos apropriados, ajudando assim na identificação da acepção.
- *Enciclopédia de Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2005, 2006, 2009, 2011) – USP – Este compêndio de obras é distribuído em dezenove volumes complementados com três CDs. Cada volume registra, por meio de ilustrações, os sinais utilizados pela comunidade surda brasileira abordando diversas áreas: educação, artes, cultura, esportes, pessoas, relações humanas, comunicação, religião, corpo, medicina, sexualidade, natureza, economia, trabalho, leis, política e preocupações sociais. Além dos sinais com suas respectivas tradução em português, as obras apresentam uma ferramenta de avaliação do desenvolvimento de linguagem de sinais.
- *Libras – Língua Brasileira de Sinais – A imagem do Pensamento* (KOJIMA; SEGALA, 2008) – Esta obra também é dividida em cinco volumes, cujas seções registram com imagens as entradas lexicais de forma bilíngue (Libras/Português). As autoras, além da dicionarização, apresentam regras da língua (morfológicas, sintáticas, semântica e pragmáticas da Libras), conceitos de comunicação em Libras, frases do cotidiano para desenvolvimento da fluência para ouvintes e propriedades da língua de sinais: datilologia, soletração rítmica, configuração das mãos, orientação da palma, movimento, expressões faciais e corporais.

- *Aprenda Libras com eficiência e rapidez* (VELOSO; MAIA, 2009) - Traz glossários em Libras com a tradução para o português. A obra conta com informações sobre “O que é Libras?”, “Por que Libras é uma língua?”, “Parâmetros da Libras”, entre outras. Há também instruções de como comunicar-se com os surdos, curiosidades sobre a comunidade surda e a história dos surdos. Os vocábulos são divididos por lições, como, por exemplo, “cumprimentos”, “pronomes”, “verbos” e outros. Ao final de cada lição, é apresentado um diálogo como contextualização dos sinais apresentados. Ao total, a obra apresenta 1.227 vocábulos¹¹ registrados com fotos. Vale destacar que o CD que acompanha o livro apresenta os sinais e diálogos contextualizados.
- *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Descrevendo a comunicação usada pelas pessoas como surdez* (HONORA; FRIZANCO, 2009, 2010, 2011) – Separados em três volumes por campos semânticos possuem por volta de 350 páginas com sinais e outras temáticas da Libras: História da educação de surdos, Leis em vigência no Brasil, Alfabeto, Números, Aspectos Gramaticais da Língua Brasileira de Sinais, Variações Linguísticas, entre outros. Nessas obras, os sinais são divididos em categorias, como: verbos, alimentos, bebidas, profissão etc. Ao lado da representação dos sinais, há a ilustração dos verbetes apresentados.
- *Dicionário ilustrado de LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais* (BRANDÃO, 2011) – Contém 3.200 sinais em LIBRAS, com tradução equivalente a 7.800 palavras em português. Além dos sinais, há textos, fotografias e ilustrações. Fornece também conhecimento da LP para que o aluno surdo possa ter mais contato com a escrita desta língua. Como aspecto inovador, traz fotos com o sinal, sequência fotográfica para melhor ilustrar o movimento e um texto explicativo de como realizar o mesmo. São apresentados diferentes sinônimos em LP para um mesmo sinal.
- *Ferramenta didática e lúdica para intensificar o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais* (ALMEIDA, 2016) – Com mais de 300 sinais ilustrados, o autor separa os sinais, juntamente com suas respectivas traduções em português, por categorias gramaticais: pronomes, verbos, adjetivos, numerais, classificadores e estrutura gramatical da Libras. Com interesse em difundir os conhecimentos da Libras, este livro apresenta também em quatro áreas importante: os principais pontos históricos

¹¹ No início de cada lição, os autores do livro *Aprenda Libras com eficiência e rapidez* mostram o total de sinais apresentados na lição, os quais foram somados pelo autor deste trabalho para obter o total de vocábulos do livro.

da comunidade surda e sua língua; gramática básica da Libras; o sistema de escrita com base no *Sign Writing*; parte lúdica: jogo de cartas denominado “Vocábulo Libras”.

▪ *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil – A Libras em suas mãos* (CAPOVILLA et al., 2017) – Contém mais de 13.000 sinais ilustrados da Libras com os verbetes correspondentes ao sinal em português, inglês e seus respectivos sinônimos. Apresenta para cada sinal a escrita em *SignWriting*. Essa edição conta com 3 volumes: o primeiro, com 1.020 páginas, traz os sinais referentes a palavras de A a D; o segundo possui 2.039 páginas com sinais de E a O; o terceiro possui 2.931 páginas, trazendo os sinais de P a Z. São também ilustrados em forma de desenho com definições conceituais, exemplos de uso em Língua Portuguesa. Também apresenta entradas lexicais com as variações linguísticas dos sinais entre estados brasileiros. Os autores utilizam a abordagem em que o desenho torna o sinal didático e elucidativo na aprendizagem da Libras. Sendo esta obra impressa de grande circulação nacional, para melhor exemplificar utilizamos uma ilustração do sinal e a acepção do item lexical registrado nesta obra. Dessa forma, possibilita a melhor compreensão de um verbete:



Idioma autônomo, independente da língua falada, que tem mecanismos próprios de natureza espacial para relacionar a forma ao significado. Língua natural visoespacial usada pela comunidade surda. Ex.: As crianças surdas devem aprender desde pequenas a língua de sinais. (Mãos horizontais abertas, palma a palma. Movê-las alternadamente em círculos verticais para frente (sentido horário).) **Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Sinalização – Comunicação por Língua de Sinais* codificado pelo local de sinalização na região do peito e por movimento circular em torno do peito como se observa nos sinais FALAR EM LIBRAS, CONVERSAR EM LIBRAS e CONVENCER EM LIBRAS.

Figura 03. Ilustração do registro do sinal no Dicionário Capovilla et al. (2017)

Fonte: Capovilla et al. (2017).

Merecem também destaque os projetos desenvolvidos pela Universidade Federal de Santa Catarina: Glossário Libras¹², Identificador de Sinais – ID¹³ e Libras *SignBank*¹⁴(QUADROS; PIZZIO; NUNES DE SOUZA; CRUZ; SOARES DE OLIVEIRA, 2010). Estes glossários são disponibilizados de forma *on-line* para acesso aos conteúdos, conforme apresentado a seguir.

¹² Conferir mais informações em <<http://www.glossario.libras.ufsc.br/index/historia>>.

¹³ Conferir mais informações em <http://nals.cce.ufsc.br/?page_id=53>.

¹⁴ Conferir mais informações em <[https:// https://signbank.libras.ufsc.br/#/](http://https://signbank.libras.ufsc.br/#/)>

- O *Glossário Libras* (UFSC) foi iniciado e desenvolvido desde 2008, dois anos após o início do curso de Letras Libras na modalidade à distância. Idealizado pela Professora Dra. Mariane Stumpf, o projeto teve como objetivo a elaboração e promoção de um glossário em Libras no ambiente virtual. Este recurso visava compartilhar definições e informações em Língua de Sinais, principalmente dos sinais utilizados no Curso de Letras Libras. O projeto se expandiu e, atualmente, conta com quatro áreas temáticas. Assim, como forma de facilitar a busca e o acesso, o Glossário de Libras é dividido nos temas: Letras Libras (209), Arquitetura (78), Cinema (91)¹⁵, Psicologia (56), Ciências biológicas (94), Informática (10), Literatura (225). O *Glossário de Libras* ainda conta com a possibilidade de busca a partir dos parâmetros da Libras e da grafia em Língua Portuguesa.
- O *Identificador de Sinais – IDSinais* - é uma ferramenta que está sendo desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC desde 2008. Este projeto está vinculado ao Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais, coordenado pela equipe da Dra. Ronice Müller de Quadros, Dra. Aline Lemos Pizzio, Dra. Aline Nunes de Souza, Dra. Carina Rebello Cruz e a Dra. Janine Soares de Oliveira, com o objetivo de compilar os sinais utilizados pela comunidade surda brasileira. Este projeto se destacou por oferecer tanto pela localização de termos em português quanto pela busca pelos parâmetros dos sinais. Entre 2010 a 2013, foram inseridos 1.000 sinais, criando uma espécie de banco de dados. Nesse domínio da internet também são registradas as variações linguísticas de algumas regiões e estados. Atualmente o sistema foi migrado para o *SignBank*.
- O *Libras SignBank* – é descrito na plataforma virtual como um banco de dados léxico para a língua brasileira de sinais, sendo disponível *on-line* em: [<http://signbank.libras.ufsc.br/>]. Desde 2020, esta ferramenta também possibilita a busca por sinal, por palavra e ver todos. Na busca por sinal, inicialmente seleciona-se a configuração de mãos, sendo 79 diferentes formas da mão. Em seguida, escolhe-se se o sinal é feito com uma mão, duas mãos assimétricas e duas mãos simétricas. Posteriormente, mais abaixo, clica-se com o cursor do mouse para determinar se o sinal é realizado na cabeça e no pescoço, espaço neutro, membros e tronco. Quanto a busca por palavra, no campo da pesquisa, pode-se digitar em português ou inglês. Ao acessar

¹⁵ Na data da pesquisa, este domínio ainda estava em construção, não sendo possível o acesso.

o campo “ver todos”, os 3.049¹⁶ sinais ficam disponíveis em ordem alfabética. Selecionado um sinal específico, tem-se o vídeo com a realização do sinal feito por um surdo. Abaixo, encontram-se as informações como: tradução em português, tradução em inglês, lateralidade, lateralidade pesquisável, configuração mão dominante, configuração mão fraca, mudança de configuração de mão, relação entre articuladores, localização pesquisável, localização, objeto virtual, tipo de contato, direção do movimento, forma do movimento, mudança de orientação, movimento repetido, movimento alternado, orientação relativa do movimento, orientação relativa da locação, fonologia outro, combinações fixas, boca, variação fonética, composição, composição de raiz, misturas, imagem icônica, entidade nomeada, campo semântico, pares mínimos, relações com outros sinais, relação com sinais estrangeiros.

Às referências anteriores, importa acrescentar que todos os citados trazem ferramentas de busca em Libras, por sinais e por palavras em Língua Portuguesa. Não foi feita a distinção entre Glossários e Dicionários, pois o que foi analisado é a disponibilidade dessas ferramentas, seja como dicionário bilíngue (Libras/Português) e monolíngue (Libras).

Mencionamos também o dicionário on-line que possibilita a busca dos sinais¹⁷ nas mais diversas línguas de modalidade visoespacial:

- *Spread the sign* – Desde 2006, este dicionário é administrado pelo European Sign Language Centre (Centro Europeu de Línguas de Sinais (Centro Europeu de Línguas de Sinais), sendo disponível *on-line* em: <<https://www.spreadthesign.com>>, o que torna os diversos sinais em diferentes línguas mais acessíveis, possibilitando que o usuário aprenda tanto línguas de sinais do seu país, quanto de outras línguas de sinais. Neste website, até o presente momento, podem ser buscados sinais nas línguas: alemã, americana, bielorrussa, brasileira, búlgara, chinesa, croata, dinamarquesa, eslovaca, espanhola (Argentina), espanhola (Chile), espanhola (Cuba), espanhola (Espanha), espanhola (México), estoniana, finlandesa, francesa, grega (Chipre), grega (Grécia), híndi, inglesa (Austrália), inglesa (Estados Unidos), inglesa (Nova Zelândia), inglesa (Reino Unido), inglesa (Índia), língua internacional de sinais, islandesa, italiana, japonesa, letã, lituana, polonesa, portuguesa (Brasil), portuguesa (Portugal), romena,

¹⁶ Na data da pesquisa, a contagem foi feita pelos autores, conforme a disponibilidades do banco de dados na plataforma.

rusa (Bielorrússia), russa (Rússia), sueca, tcheca, turca, ucraniana, urda e árabe (Síria). Nele estão presentes também variações do tipo diafásico, nas quais são registradas as variantes utilizadas entre bebês e pais. Além destas, outras informações contidas no site são que: a) é organização sem fins lucrativos; b) tornar as línguas de sinais acessíveis às pessoas Surdas e, conseqüentemente às demais pessoas; c) reúne mais de 300.000 sinais. Interessa-nos destacar que a Libras possui 21.860 palavras traduzidas, 7359 palavras com vídeo e 168 locais com vídeo.

Como ferramentas de busca, os sinais são buscados pelas línguas orais auditivas na forma escrita dos países; por exemplo, para busca de sinais em Libras utiliza-se a Língua Portuguesa na forma escrita. Abaixo dos vídeos dos vocábulos selecionados são listadas as bandeiras que representam os sinais nos países já catalogados. Ao clicar nas bandeiras, é possível ver a execução dos sinais buscados. A partir da seleção dos idiomas, também é possível buscar mais informações no site, bem como: imagens dos alfabetos em línguas de sinais, notícias, membros, imprensas, estatísticas e contatos (coordenador, webmaster, críticas e sugestões).

Conclusão

Nosso objetivo ao desenvolver este estudo foi o de apresentar as principais produções de dicionários e glossários da Libras. Apesar de não ser extensa e detalhada, buscamos também por meio desses registros explicitar a história da língua de sinais dos surdos do Brasil, levando em consideração uma produção de e sobre a Libras. Vale ressaltar que as obras citadas neste estudo incorporam temas linguísticos das línguas de sinais, tendo aspectos ligados a fonologia, descrição referente aos parâmetros pertencentes às estruturas internas dos sinais.

Quanto ao aspecto lexicográfico, podemos considerar que houve um expressivo aumento na publicação dos sinais utilizados pela comunidade surda brasileira desde a primeira grande obra publicada em 1875 por Flausino José da Gama, *Iconographia dos signaes dos surdos mudos*.

Com o advento da tecnologia, surge a possibilidade do registro por meio de plataformas e websites para hospedar os bancos de dados. Além disso, vale destacar que estas ferramentas possibilitam o registro completo dos parâmetros desta língua modalidade visoespacial, bem como a busca direta do sinal. Os dicionários funcionam

como bilíngues e, em alguns casos trilingue, tendo a correspondência entre o português, Libras e inglês.

O Libras *SignBank* apresenta outras informações sobre os sinais em relação as obras físicas produzidas até 2017. Ele apresenta a descrição da estrutura interna dos sinais.

Os estudos e pesquisas em línguas de sinais são fundamentais para que se tenha um corpus representativo, auxiliando futuras pesquisas e corroborando para o entendimento dos fenômenos linguísticos nela presentes.

Referências

ALMEIDA, M. O. S. *Ferramenta didática e lúdica para intensificar o aprendizado da LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS*. Bahia: Editus, 2016.

BRASIL, Acessibilidade. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>. Acesso em: 08 maio 2021.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25.4.2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23.12.2005. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 27 set. 2017.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRANDÃO, F. *Dicionário Ilustrado de Libras: Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: Global Editora, 2011.

CAGLE, K. M. *Exploring the ancestral roots of American Sign Language: Lexical borrowing from Cistercian Sign Language and French Sign Language*. Ph. D. Dissertation - The University of New Mexico, Albuquerque, NM, USA, 2010.

CAMPELLO, A. R. S. *A constituição histórica da língua de sinais brasileira nos séculos XVIII até XXI*. Revista Mundo & Letras, São Paulo, José Bonifácio, v. 2, 2011.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Enciclopédia da língua de sinais brasileiras – Vol. 1: educação*. São Paulo: Edusp, 2006.

_____; _____. *Enciclopédia da língua de sinais brasileiras – Vol. 2: artes e cultura, esportes e lazer*. São Paulo: Edusp, 2011.

_____; _____. *Enciclopédia da língua de sinais brasileiras – Vol. 3: família e relações familiares e casa*. São Paulo: Edusp, 2009.

_____; _____. *Enciclopédia da língua de sinais brasileira Vol.4: comunicação, religião e eventos*. São Paulo: Edusp, 2005.

_____; _____. *Enciclopédia da língua de sinais brasileiras – Vol. 8: palavras de função gramatical*. São Paulo: Edusp, 2006.

_____; _____. TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos*. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2017. (3 Volumes).

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FRYDRYCH, L. A. K. *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2013.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOÉS, A. M.; CAMPOS, M. L. I. L. *Aspectos da Gramática da Libras*. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Org.). *Tenho um aluno, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

GREGIANINI, L. C. B. *Mapeando os sinais Païter Suruí no contexto da comunidade*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho - RO, 2017.

HARRISON, K. M. P. *Libras: apresentando a língua e suas características*. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Org.). *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à libras e educação de surdos*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

HOEMANN, H.; OATES, E.; HOEMANN, S. (Orgs.). *Linguagem de sinais do Brasil*. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1983.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira De Sinais: volume 1*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. 352 p.

_____; _____. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira De Sinais: volume 2*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. 352 p.

_____; _____. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira De Sinais: volume 3*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011. 336 p.

JAKOBSON, R. *Aspectos linguísticos da tradução*. In: JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

KOJIMA, C. K.; SEGALA, S. R. *LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais: a Imagem do Pensamento*. São Paulo: Editora Escala, 2008. (Vol. I, II, III, IV e V).

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. *Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação*. In: STUMPF, M. R.; LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. *Estudos da Língua Brasileira de Sinais II*. Florianópolis: Insular, 2014.

MORAVCSIK, A. *Introducing Language Typology*. Cambridge, GB: Cambridge University Press, 2013

NUNES DE SOUSA, A. *Reflexões sobre as práticas de ensino de uma professorade inglês para surdos: a língua de sinais brasileira como mediadora do processo de ensino-aprendizagem*. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, UFMG, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, 2014.

PEREIRA, E. L. *Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2013.

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. 2. Ed. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

_____, R. M. *Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil*. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (Orgs.). *Estudos da língua brasileira de sinais I*. Florianópolis: Insular, 2013.

_____; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; STUMPF, M. R. *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã. Letras Libras EaD*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; NUNES DE SOUZA, A.; CRUZ, C. R.; SOARES DEOLIVEIRA, J. Núcleo de aquisição de línguas de sinais - NALS. UFSC, 2010. Disponível em: <http://nals.cce.ufsc.br/?page_id=26>. Acessado em: 16 jul. 2022.

REHFELDT, G. K. *Linguistics bases for the description of Brazilian Sign language*. In: HOEMANN, Harry W. (Ed.). *The sign language of Brazil*. New York, USA: Mill Neck Foundation, 1981.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

SILVA, N. M. *Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2012.

SKLIAR, C. *Os estudos surdos em Educação: problematizando a normalidade*. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 7-32,

STOKOE Jr., W. C. *Sign Language Structure: An outline of the visual communication system of the American deaf*. Studies in Linguistics, Occasional Papers, Buffalo, NY, USA, N. 8. 1960

STREIECHEN, E. M. *LIBRAS: aprender está em suas mãos*. Curitiba: CRV, 2013.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, K. *História da Educação de Surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009. <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2017.

UFSC. Libras. SignBank da Libras, 2020. Disponível em: <http://signbank.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

VELOSO, E.; MAIA, V. *Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez*. Curitiba: Mãos Sinais, 2009.

VILHALVA, S. *Índios Surdos: mapeamento das línguas de sinais no Mato Grosso do Sul*. Petrópolis: Arara Azul, 2012.